

A ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 45000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 38 — VOL. III.

sabbado 24 de Setembro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 55000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Modon — Reinado de D. Afonso VI, continuação — A cidade de Guimarães — A villa de Idanha a Nova — A ponte de arca — Arzeb. continuação — Cronstadt — O desconhecido, continuação — Um tremor de terra no interior de uma mina — O amor e o dever, continuação — O prisioneiro.
GRAVURAS — Brasões d'armas da cidade de Guimarães, e villa de Idanha a Nova — Cronstadt — Modon.

Historia da actualidade.

As corvetas *Bartholomeu Dias* e *D. Estephania*, que tinham partido para a costa de Marrocos, acompanhadas do vapor *Argus*, ao qual se haviam juntado nas aguas do Algarve, regressaram esta semana.

De cirios e arraiaes teem sido fartos estes dois mezes; o ultimo cirio que nos consta partiu da cidade, e regressou na corrente semana foi o de Santa Cruz do Castello, e não sabemos que afora este haja d'aqui por diante mais algum.

Appareceram as reformas das secretarias da marinha, e justicas.

Concluiu-se, finalmente, em menos de quinze dias a demolição dos casebres do Loreto, e em breve estará igualmente arreado o entulho d'aquellas ruinas, pois que na sua remoção se trabalha com tanta actividade como na demolição.

Estão-se limpando as caldeiras de Alcantara para servirem de refugio aos barcos do Tejo, no inverno, em quanto se não fazem as duas dokas para as quaes já existem planos na secretaria do ministerio das obras publicas.

Continua assustador o estado da Italia, e parece que as questões que se não tem podido decidir nas conferencias de Zurich, que nada hão feito, serão cortadas novamente pela guerra.

O papa vae melhor, e vae sair para o campo.

Descobriu-se uma conspiração em Constantinopola, dizem uns que contra a vida do sultão, affirmam outros que sómente com o intuito de promover o estado de agitação. Foram presos uns quarenta individuos.

Preparam-se em Bolonha meios de defesa.

O principe Napoleão chegou de incognito a Berna, sob o supposto titulo de conde de Meudon.

Desmancharam-se os acampamentos de Chalon e Helfau, regressando as tropas que os acompanhavam as suas guarnições.

O bey de Tunis foi declarado em perigoso estado de saude pelo medico francez que o mesmo bey havia mandado pedir a Paris.

— O imperador d'Austria levantou o estado de sitio do Veneto.

— Noticiam de Algeciras que nada mais de novo havia acontecido nem em Ceuta, nem no campo marroquino.

— Escrevem de Gibraltar que estavam continuamente a chegar áquella praça fugitivos dos fortes marroquinos.

— O governo austriaco insta no congresso de Zurich porque se faça um novo tratado de paz, no qual consignando-se a cessão da Lombardia, não se falle contudo nos negocios dos ducados.

— O rei dos Paizes Baixos pronunciou um discurso na abertura dos estados geraes, que concluiu fallando na defesa nacional, e na esperanza de salvar illesas a independencia e integridade do solo patrio.

— Noticias d'Argel dizem que ali se concentram tropas para castigar severamente, e por uma vez, os ataques dos marroquinos, cujas tribus teem insultado as fronteiras francezes.

— Um d'estes insultos consistiu em serem roubadas e queimadas muitas casas francezas nas vizinhanças das minas de Gar-Rouban, nas quaes por tal motivo foi preciso suspender os trabalhos. O general Sterhazy repelliou contudo victoriosamente a aggressão.

— Escrevem de Calcuttá que a dynastia de Delhy foi despojada para sempre dos seus titulos, privilegios, e distincções.

— Os ministros dos negocios estrangeiros de Baviera, Saxonia e Wurtemberg, concordaram em conferencia na necessidade da reforma da confederação germanica.

— Na Cochinchina se está a ponto de concluir um tratado de paz com os anamitas.

— Em Calcuttá corre noticia de que o almirante francez na Cochinchina, depois de assignado o dito tratado, se dirigirá com a sua esquadra a reforçar a da China.

— Os estados de Sonora e Chihuahua tratam de se declarem independentes.

— Os inglezes enviaram forças maritimas de Malta para Gibraltar, e vão estabelecer uma linha de canhoneiras para vigiar a attitude da Hespanha em Africa.

— Publicou-se esta semana em Lisboa o primeiro numero de um jornal hebdomadario, que tem por titulo *Jornal para todos*, e é adornado de gravuras.

— No deposito de Mafra já existem perto de seiscentas recrutas.

— Em Paris continuam activamente os preparativos para mandar forças contra a China.

— O governo inglez da India prepara-se para nova campanha contra os insurgentes, quando a estação o permittir.

— No Ferrol assentaram-se as quilhas de quatro navios, que são uma nau, uma fragata, e duas goletas a helice.

— Inauguraram-se as obras do primeiro dique de grandes dimensões neste arsenal.

— A margem esquerda do Pó está militarmente occupada pela Austria. Ha destacamentos em todos os pontos aonde se pode fazer um desembarque.

— Vae formar-se novo corpo de exercito n'um dos portos do mar do Meiodia de Hespanha.

— Em Hespanha continuam com muita actividade os trabalhos de fortificação nas praças do mar Cantabrio.

— O rei da Belgica acha-se actualmente visitando alguns pontos da Biscaia.

— Chegou ultimamente noticia de que sobre a base de se tratar unicamente da cessão da Lombardia, os plenipotenciarios da conferencia de Zurich partem para as suas côrtes, voltando depois a assignar a paz.

— Já saiu de Plymouth parte da esquadra destinada aos mares da China.

— Julga-se proximo um congresso europeu em Bruxellas sob a presidencia do rei Leopoldo.

— O principe Maximiliano foi nomeado governador das possessões austriacas na Italia.

— Na Russia creou-se um senado, composto dos altos dignatarios do imperio.

Modon.

A cidade de Modon, chamada pelos antigos gregos Pegaso, e mais tarde Methonia, é defendida por um castello edificado sobre uma lingua de terra que entra pelo mar, e separada do continente por uma ponte de madeira sustentada em pilares de pedra. O seu porto, chamado Mandraki, não pode receber senão navios de pequena lotação; e o mar, que se precipita impetuosamente por um espaço aberto entre a ilha de Sapiencia e um bastião construido na entrada do ancoradouro, forma o porto, que é em extremo perigoso.

Modon é habitada por mil e seiscentos turcos, e o arrabalde de Varochi contém uma população grega, que, junta á do cantão, apresenta um effectivo de oito mil cento e oitenta e cinco indivi-

duos divididos por cincoenta e duas aldeas. O seu horizonte é limitado por uma cordilheira de montes. Proximo d'esta cordilheira vêem-se as reliquias de uma cidade, de um acropolis, e fragmentos de marmore, que parecem ser os restos da antiga Methonia.

Entre Modon e Navarino a distancia é de duas leguas e meia por mar, e duas por terra.

A bahia de Modon é abrigada pelos prolongamentos desiguales das massas penhascosas da ilha de Sapiencia. Os flancos d'esta são povoados de grutas naturaes. Um viajante, mr. Lauvergne, deu a descripção da mais curiosa d'estas grutas: «Tem interiormente, diz elle, a forma de nave de igreja gothica; a sua alta abobada é tapetada por infinitude de goiveiros amarellos que ahí se introduzem pelas fendas dos rochedos. A profundidade é de trinta e cinco a quarenta pés. A bocca, estreita, apenas permite a entrada ao visitante, porque a agua do mar que ahí penetra assenhoreia-se de mais de metade. O fundo ficou por muito tempo a minha attenção: supponha-se um tapete matizado das mais vivas cores, e ter-se-ha idéa d'este magnifico pavimento submarino. Encarreguei um mergulhador de apanhar um fragmento das rochas de que é formado, e trouxe-me, em um despojo calcareo, alguns thalassiphytes de diversas cores. O pedaço de pedra que examinei estava incrustado de conchas amarellas, verdes e encarnadas; e como eu nunca tinha visto nada semelhante, desenhiei-a immediatamente. Devo dizer que o contacto do ar fazia desbotar as cores. Na caverna, no sitio onde se toma terra, encontra-se uma profundidade, com alguns restos d'alvenaria grosseira, ainda que antiga. Ignoro o uso que teve; mas esta cova seria talvez destinada a operar alguns prodigios; porque a união de dois lanços de rocha que a terminam produz um phenomeno tal d'acustica, que uma voz de homem no *medium* torna-se grave e rebombante. As outras grutas nada offerecem de extraordinario. Costeando a parte da ilha que faz face ao Peloponeso, foi-me facil conhecer, no perfil vertical e na natureza penhascosa d'ambos os litoraes, que a Sapiencia é o resultado de uma violenta separação do continente. Junto á praia vi um cemiterio onde se enterravam antigamente os empestados. O resto da ilha é de tal modo entulhado de arvores, arbustos e urzes, que tornam difficil a entrada ahí, não podendo por conseguinte proceder-se a investigações. Descobrem-se apenas alguns vestigios de cabras e outros animaes que ahí vivem no estado selvagem.»

Reinado de D. Affonso VI.

(Fragmentos).

LIGA FRANCO-LUSITANA DE 1667.

Continuação.

As cartas que Castelmelhor escreveram de Salva-terra em 22 de Fevereiro a Saint-Romain, e Schomberg não deram ainda indicio de reabertura de negociações, antes n'ellas predominava a idéa de recommençar a guerra, empenhando diligencias para que lhe viessem auxilios de França. N'este, ou no seguinte dia deviam os inglezes partir para Madrid: prompta tinham já a escolta que devia acompanhá-los. Esperava-se entretanto, que voltassem em breve, ao menos um d'elles. Cumpre confessar que em Portugal tanto pareciam dispostos á paz, como ás treguas. Ainda que houvesse entre ambas grande differença, se uma trazia o reconhecimento da nossa independência, as outras nos dispensavam da restituição dos bens dos exilados, e da contribuição annual de quatro mil homens para a guerra da Hespanha com a França.

Os commissarios inglezes, cavalheiro Southwell enviado de Inglaterra a Portugal, e lord Fanschaw embaixador inglez em Madrid, encarregados de negociarem o tratado de treguas por trinta annos, deixaram emfim Portugal. O nosso governo rejeitara propostas que não reconheciam o titulo do rei portuguez. Rejeitando a idéa de treguas, só admittia a de continuação de guerra, ou a de paz, com a condição de reconhecerem a nossa in-

dependência, promettendo não se ligar á França se a paz se ajustasse até fins de Março. Partindo para Hespanha os dois inglezes foram portadores do projecto portuguez, promettendo communicar-nos a resposta que se lhes offerecesse.

A nossa proposta não foi bem recebida em Madrid: recusaram mesmo por muito tempo audiência a Fanschaw.

Vendo e considerando a marcha dos acontecimentos tinha a França peculiar interesse em se metter de permeio n'esta negociação, e tratar primeiro com Portugal, obrigando-se a declarar guerra á Hespanha por causa dos seus direitos a parte da Flandres, logo que concluísse paz com Inglaterra; obrigando-se Portugal no entanto a não concluir com Hespanha, nem paz nem treguas. Depois de declarada a guerra, obrigava-se a França a não fazer com Hespanha nenhum ajuste sem que Portugal fosse n'elle comprehendido, e D. Affonso vi tratado de rei a rei, obrigando-se o governo portuguez a observar o mesmo da sua parte.

Portugal e França atacariam Hespanha com todas suas forças: fariamos todos os annos duas campanhas. Pelo interim, até que a guerra fosse declarada pela França, e para que nada ajustássemos n'este intervallo com Hespanha, promettiam-nos para continuarmos as hostilidades um subsidio de cerca de quatrocentos contos annuaes, metade para pagamento das tropas estrangeiras que estavam ao nosso serviço, e a outra metade para a empregarmos segundo melhor julgássemos, permanecendo sempre este ultimo subsidio no caso de podermos e quermos dispensar a tropa estranha.

Taes eram substancialmente os meios que a França empregava para se fazer solidaria com a politica portugueza, e para ter n'ella influencia, prevenindo que a Inglaterra se lhe antecipasse.

Sobre o casamento da princeza d'Aumale procurava Luiz xiv cimentar o seu projecto. Proxima a partir para Portugal, a nova rainha fôra pelo rei de França aconselhada e industriada. Promettiam ao conde de Castelmelhor, que ella se entregaria toda á sua direcção, e só n'elle teria confiança. Era uma garantia offerecida ao primeiro ministro, tanto para sua conservação como para seu augmento, e evidentemente com o proposito de obrigar-o a seguir as vistas da França na questão hespanhola.

A lisonja foi ainda outra astucia da parte da França para com D. Affonso vi. Era notavel a premeditação com que aprovaava que o rei tinha qualidades extraordinarias e verdadeiramente reaes, espirito penetrante, juizo seguro, vigor indomavel, coragem heroica, inviolavel fidelidade a suas palavras, applicação perpetua e infatigavel á direcção dos negocios do seu reino na paz, e na guerra, o que sem contradicção lhe tinha ganho o primeiro logar na reputação e na gloria dos principes do seu seculo. E entretanto nada havia meos verdadeiro!

Em 24 de Maio uma armada hespanhola em numero de dezeseis ou dezete velas appareceu na embocadura do Tejo. Este successo espalhou terrores, sobre tudo porque se esperava a frota do Brazil. Castelmelhor pediu logo ao enviado de França que procurasse accelerar a vinda da esquadra franceza do Mediterraneo, diante da qual esperava que a hespanhola se retirasse. Duas cartas de Saint-Romain, para o almirante duque de Beaufort, foram immediatamente levadas por terra ao governador de Faro, com ordem de mandar sair duas barcas com ellas, e procurar a armada franceza para as entregar. O convite era feito por ordem do rei de França; e tambem por ordem d'elle andava no mar o navio *Glochetti* procurando a mesma esquadra, á qual se pedia se desse pressa em chegar e entrar no Tejo, para ahí esperar e prevenir que a que devia conduzir a rainha de Portugal não recebesse da hespanhola, que andava nas nossas costas, algum insulto.

No dia 10 de Junho entrou Beaufort no porto de Lisboa. Na foz encontrara a armada hespanhola em numero de dez navios, e a obrigara a saudal-o com salva e pavilhão almirante, ao que elle só respondeu com salva. Na sua subida do rio todas as fortalezas portuguezas o saudaram primeiro. O accio e esplendor das embarcações at-

trahiam todas as vistas, e era grande a multidão que ia visital-as. No dia 12 veio o duque a terra com magnifico sequito, n'um bergantim, acompanhado de todos os da armada, empavezados com bandeiras e galhardetes, para comprimentar o rei, pelo seu casamento com sua sobrinha, do que Affonso vi pareceria ficar mui satisfeito. No palacio e margens do rio era incalculavel a concorrência, e grande a alegria popular.

Depois de fazer aguada preparava-se a esquadra franceza para sair a cruzar na costa á espera da rainha.

Havia dias que a hespanhola deixara de apparecer, e suppunha-se que dobrara o cabo de San-Vicente e se recolhera a Cadiz. Entretanto em 26 de Junho pela manhã appareceu de novo na embocadura do Tejo em numero de sete navios, e ahí andou cruzando até á noite, depois de ter chegado tres vezes a alcance da artilheria das fortalezas, carregando as velas grandes á vista da esquadra franceza, que tinha segura por lhe ser o vento contrario. O facto da esquadra hespanhola tomar á tarde o caminho do cabo da Rocca, infundia grandes cuidados, receando-se que fosse ao encontro da frota que conduzia a rainha. Isto levou o rei a mandar logo pelo conde de Castelmelhor pedir ao almirante francez que se fizesse ao mar para salvaguardar a rainha, e que conferenciasse com elle n'um convento que sobre a praia ficava fronteiro ao logar em que a almiranta franceza estava fundeada.

Effectivamente, o almirante Beaufort saiu do rio ao encontro das armadas, no dia 28 de tarde. Continua. JOSÉ DE TORRES.

A cidade de Guimarães.

Se dermos credito aos nossos antiquarios a origem de Guimarães quasi que se perde na escuridão dos tempos. Alguns dão-lhe por fundadores os gallos celtas, e como se isto não bastasse para sua nobreza, ainda ha quem lhe attribua um principio mais remoto. Deixando porém estas noticias meio fabulosas e destituídas de bons fundamentos, diremos contudo que a sua primeira fundação é anterior alguns seculos á monarchia, e que teve por assento a pequena eminencia visinha, onde vemos o castello.

Começou a actual povoação junto a um mosteiro, que a condessa Mumadona, tia de D. Ramiro II, rei de Leão, edificou em o anno de 927.

Apenas concluida a fabrica do mosteiro, que em relação ao tempo era uma obra grandiosa, no qual se accommodaram monges e freiras, vivendo com bastante largueza pelas avultadas doações que a fundadora lhes fizera, foram-se construindo em torno do convento algumas casas para habitação de pessoas dependentes d'elle. Cresceram pouco a pouco estas edificações, mudando-se para este sitio os moradores da antiga villa Vimaranes, que assim veio a despojar-se e a arruinar-se de todo, restando hoje poucos vestigios d'ella.

Para defesa do mosteiro, aonde Mumadona se recolhera depois de viuva, e do burgo, que já contava bom numero de habitantes, mandou a condessa fundar a pouca distancia do mosteiro, no sitio em que outr'ora se erguia a villa velha, um forte castello, cercado de altas muralhas, e flanqueado de sete torres. N'este venerando castello, que ainda se levanta magestosamente sobre throno de rochedos, veio no fim do seculo seguinte assentar a sua corte D. Henrique de Borgonha, conde de Portugal pelo seu casamento com D. Tareja, filha de D. Affonso 6.º, rei de Leão e de Castella.

Ahi, dentro do recinto d'essas toscas muralhas, que seriam hoje estreito espaço para residencia d'um simples governador, nasceu e creou-se o vencedor d'Ourique, o primeiro rei dos portuguezes.

O mosteiro da condessa Mumadona, santuario consagrado á Virgem sob a invocação de Nossa Senhora da Oliveira, e venerado em todo o reino pelo milagre que deu origem á invocação, tornou-se mais tarde n'essa real collegiada, que desfructa honras quasi de sé.

Deu foral á nova villa o conde D. Henrique, conservando-lhe o mesmo nome da antiga, que se chamava *Vimarões*. Parece que a etymologia d'a-

quelle nome eram as duas palavras latinas — *Via maris*, que se viam esculpidas n'uma pedra em uma torre da villa velha, que na edificação do castello ficou em o centro servindo de torre de menagem. Esta inscripção, sem duvida do tempo da dominação romana, indicava que a estrada, que por ali passava, conduzia á costa do mar. Da inscripção pois proveiu á terra o nome de Vimaranes, ou Vimarães, que ao diante se corrompeu no de Guimarães. Pela mesma razão se denominava quinta de Vimarães a propriedade em que Mumadona erigiu o seu mosteiro.

Por morte do conde D. Henrique continuou seu filho, o príncipe D. Afonso Henriques, a residir em Guimarães, aonde o veiu cercar no anno de 1130 seu primo D. Afonso VII, rei de Leão e Castella, por aquelle se querer eximir de lhe render vassallagem. Foi este cerco, que deu logar á memoravel acção de D. Egas Moniz, em que este tão esforçado cavalleiro, quão dedicado ao do joven príncipe, tendo conseguido de D. Afonso VII o levantamento do sitio sob promessas, que ao depois se não cumpriram, apresentou-se em Toledo, perante o monarcha castelhano, com sua mulher e filhos, todos vestidos d'alva e com barão ao pescoço, offerecendo assim a sua vida e a de sua familia pela palavra não cumprida. Afonso VII soube corresponder com generoso perdão a tamanho rasgo de lealdade e nobreza de caracter, tanto mais digno de admiração por ser praticado em uma epoca, em que os proprios principes faziam ostentação de falta de cumprimento das suas mais solemnes promessas.

As gloriosas empresas de D. Afonso Henriques contra os sarracenos, dilatando d'anno para anno os limites da nascente monarchia, fizeram perder á villa de Guimarães a prerogativa de corte, que se mudou com grande prejuizo seu para a cidade de Coimbra, mais central em relação ás novas conquistas, que se tinham estendido pela Extremadura e Alentejo até ao Algarve. Porém do que a villa perdeu com a saída da corte não tardou a ser compensada com a grande affluencia de peregrinos eromeiros, que, vendo-se desaffrontados do maior perigo das correrias dos moiros, vinham de longes terras venerar a sagrada e milagrosa imagem de Nossa Senhora da Oliveira.

N'esses primeiros seculos da monarchia, em que as guerras absorviam todas as atenções, e em que as armas constituint, por assim dizer, o unico exercicio nobre e honroso, a villa de Guimarães engrandecia-se á sombra do santuario, cujos milagres ecoavam de um a outro extremo do reino, vindo aqui estabelecer-se muitas familias nobres, e varias ordens religiosas. E quando Portugal, já grande e temido pelas suas victorias e conquistas, começou a colher os fructos da paz, prosperou então Guimarães pelo poderoso impulso da industria. Porém a separação do Brazil, para onde exportava a maior parte dos seus productos fabris, occasionou-lhe a progressiva decadencia do seu commercio e da sua industria manufactura.

Nas discordias que rebentaram entre el-rei D. Diniz e seu filho, o príncipe D. Afonso, e na lucta travada para a independencia do paiz, entre o mestre d'Aviz e D. João I de Castella, padeceram Guimarães cercos e combates. As pestes, que flagellaram Portugal no seculo XVI, dizimaram-lhe grande parte da sua população.

No antigo regimen gosava de voto em côrtes com assento no banco terceiro. A imagem da Virgem tendo nos braços o Menino Jesus, que empunha na mão esquerda um ramo de oliveira, em campo de prata, constitue o brasão d'armas da antiga villa de Guimarães, ha pouco elevada á categoria de cidade.

Está situada Guimarães na provincia do Minho, em terreno um tanto alto, proximo das faldas da serra de Santa Catharina. Distá do Porto oito leguas para o norte, e tres de Braga para o nascente.

Tem as seguintes parochias: a collegiada de Nossa Senhora da Oliveira; S. Miguel do castello; S. Sebastião; S. Paio; e Santiago. A primeira, cuja fundação primitiva pertence á condessa Mumadona, como acima dissemos, foi erigida em capella real pelo conde D. Henrique, deixando então de ser mosteiro. D. Afonso Henriques e os reis

seus successores concederam-lhe muitas honras e bens, e alcançaram-lhe do papa grandes privilegios, com os quaes veiu a ser uma das mais ricas e insignes collegiadas do reino. Compõe-se o cabido de varias dignidades e conegos, presididos por um prelado, que se intitula dom prior de Guimarães.

Continua.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A villa de Idanha a Nova.

Na provincia da Beira Baixa, cinco leguas a este da cidade de Castello Branco, está assentada Idanha a Nova em terreno alto e accidentado.

Apezar do seu cognome, a sua origem anda ligada ao principio da monarchia. Um forte castello, que o mestre do Templo, D. Galdim Paes, edificou n'esse logar, correndo o anno de 1187, foi o nucleo de uma povoação, que pouco a pouco se foi agglomerando junto ás muralhas da fortaleza, e que mais tarde constituiu uma villa, a que el-rei D. Manuel deu foral.

Chamou-se Idanha a Nova em memoria de uma cidade antiquissima, sua vizinha, que tendo florecido com o nome de *Egiditania* no tempo dos romanos, que a fizeram municipio, e no dos godos, em que foi sede episcopal, se achava despovoada, caída em ruínas, e convertida em uma pobre aldeia apenas decorada com o titulo de villa. Fallamos da villa de Idanha a Velha, situada a pouco mais de duas leguas oeste de Idanha a Nova. Os seus habitantes, que subiam a alguns milhares, quando era cidade, mal chegam hoje a duzentos. Todavia, mau grado das injurias do tempo, e das devastações dos homens, ainda mostra muitos vestigios das passadas grandezas da *Egiditania* dos romanos, e ainda conserva como recordação do dominio dos godos e da sua extincta jerarchia ecclesiastica a velha cathedral, de tres naves sustentadas em columnas, e agora simplesmente parochia.

A villa de Idanha a Nova consta de uma só freguezia, que comprehende uns mil e trezentos moradores. Tem casa da misericordia, um hospital, e sete ermidas, e nos suburbios está o edificio do extincto convento de Santo Antonio, de frades piedosos, fundado em 1630.

E' cercada de muros, que o rio Ponsul banha. Tem boas pontes de pedra sobre este rio, e sobre a ribeira de Alpreda. O termo produz cereaes, legumes, algum azeite e vinho, muito gado e caça. O seu brasão d'armas é a esphera armilar d'el-rei D. Manuel. A 13 de Dezembro faz-se abí uma feira de tres dias.

I. DE VILHENA BARBOSA

A ponte de areia.

Um distincto architecto, a quem daremos o nome de Eduardo, passava certo dia por uma rua, que se estava calcando, e parou diante d'um grande monte de areia, com a qual brincava um rapaz de onze a doze annos. O bruico que parecia absorver completamente a attenção do adolescente nada tinha de extraordinario em si mesmo: consistia n'uma ponte, coisa mui simples por certo, pois todos temos construido pontes ou de areia ou de neve nos alegres tempos da nossa mocidade. O que, porém, tinha prendido a attenção de Eduardo era o caracter original e grandioso da architectura d'aquella ponte, assim como a graça, a ligeireza, e ao mesmo tempo a ousadia de seus arcos, que subiam a sete ou oito: havia com effeito n'aquella fraca obra todos os indicios de uma rica concepção, e de grande previsão; a pratica adquirivelmente unida á mais sabia theoria. Eduardo estava admirado, porque calculava a idade do rapaz, e ao mesmo tempo cravava os olhos nos andrjos que o cobriam. Chegou-se pois a elle, e batendo-lhe brandamente no hombro, perguntou-lhe:

— Quem te ensinou a fazer uma ponte como essa, meu amigo?

O rapaz ergueu a cabeça, e respondeu com certa altivez:

— Ninguém, meu senhor; acabo de imaginal-a agora mesmo.

— Provavelmente tens construido outras antes

d'esta, e os ensaios anteriores teem-te servido para essa ultima obra.

— Não senhor. Occorre-me uma idéa, immediatamente metto mãos á obra e executo-a sem descansar, porque não gosto de começar duas vezes a mesma coisa: o que faço quando encontro areia é construir pontes, assim como edificio casas, quando tenho pedras á minha disposição. Abi está a que levantei antes de dar principio á minha ponte.

Eduardo olhou para o lado que o rapaz lhe designava, e não ficou menos admirado ao observar segundo prodigio. Não obstante, encetou varias observações criticas, perguntando ao architecto em perspectiva como era possivel, com a distribuição que tinha dado á obra, estabelecer quartos ou andares para diferentes familias.

— Andares! tornou com viveza o rapaz, mostrando uma indignação que assentava perfeitamente no seu expressivo e ludo rosto; porventura construo casas para particulares? Entendei, senhor, que eu não fabrico senão palacios.

— Perdoae, senhor artista, respondeu sorrindo Eduardo, que não foi minha intenção offender-vos: julgava que vinte annos de estudo e de experiencia me davam algum direito a manifestar as minhas opinões.

— Sois então architecto, senhor?

— Sim.

— Sois um homem feliz; por minha parte nunca alcançarei essa ventura.

— Porque?

— Porque meus paes morreram, e minha tia, que a muito custo pode ganhar para comer, espera com impaciencia o dia em que me faça sentar praça de grumete na marinha real.

— Como te chamas?

— Augusto P...

— Muito bem, Augusto: que dirias se eu te propozesse que viesses viver comigo e estudar sob a minha direcção a architectura?

— Aceitaria immediatamente a preposta; e não vos arrependeis de m'a terdes feito, porque vos amaria muito, e seria um bom discipulo.

— Leva-me pois sem perda de tempo a casa de tua tia.

Não obstante, Augusto não se atrevia a mover-se, e imaginando que Eduardo queria escarnel-o olhava-o com desconfiança.

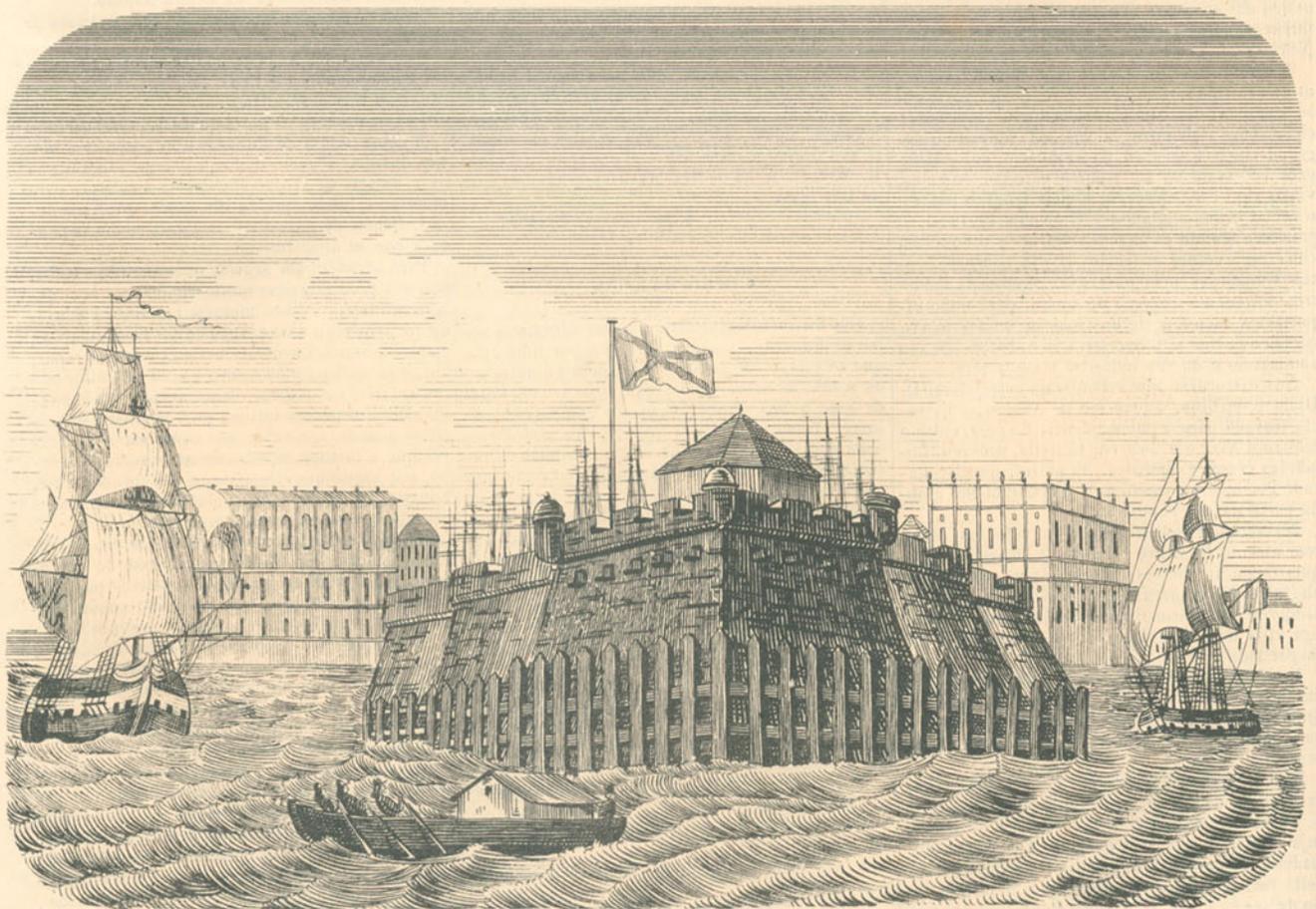
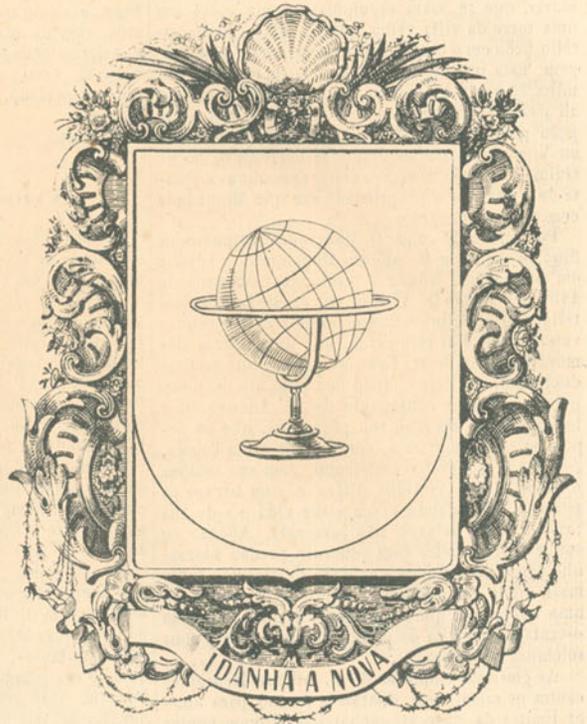
— Que esperas? Não ves que te fallo seriamente?

E como o tom de Eduardo não admittia a menor duvida, Augusto deitou a correr, lançando ao ar o barrete de lá que lhe cobria a cabeça, para mostrar o jubilo que se lhe apoderara dos sentidos. Depois de mil voltas chegaram enfim ao ponto a que se dirigiam.

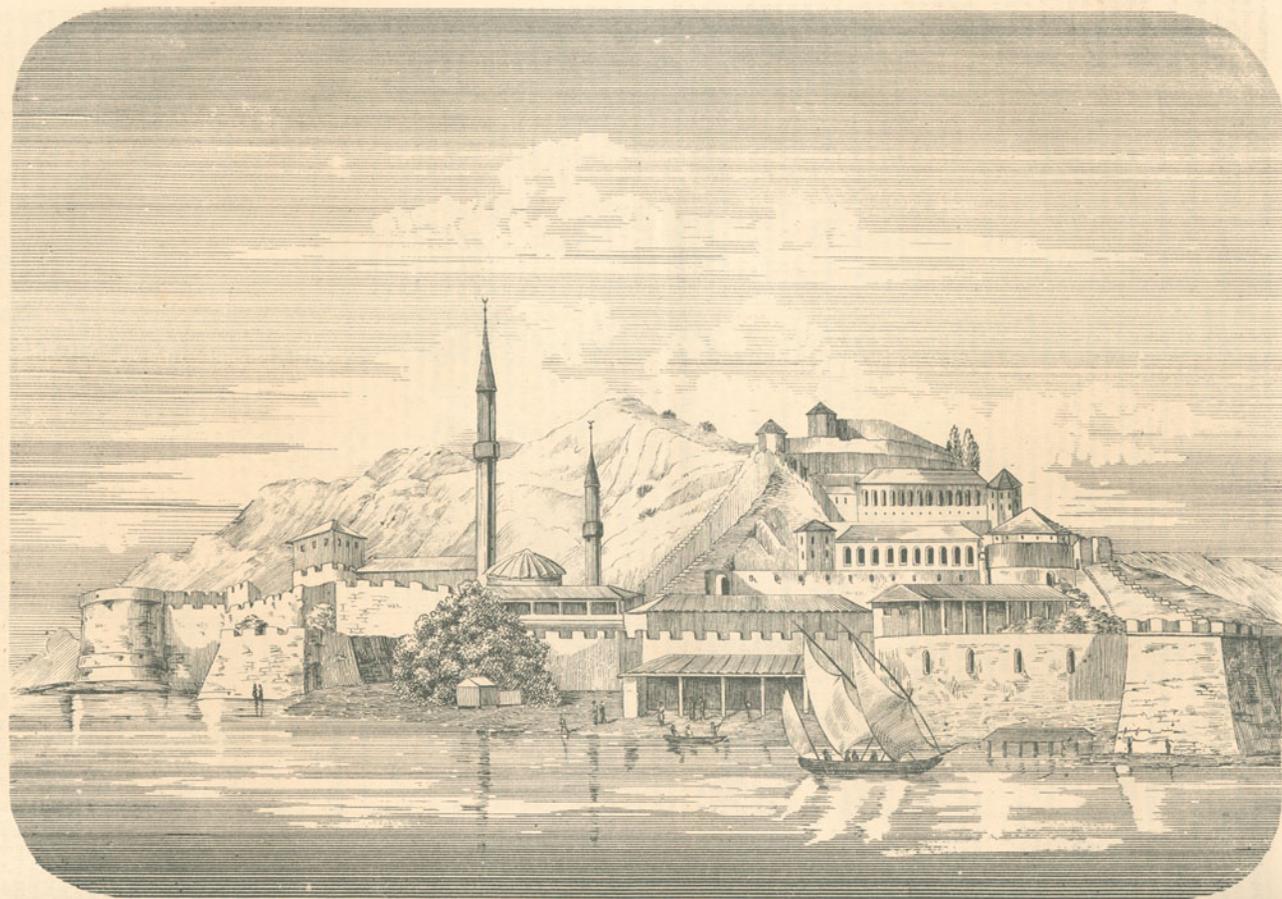
Para arranjar um negocio que convinha a todos, não era preciso gastar muita eloquencia nem demasiado tempo; cinco minutos bastaram a Eduardo para instruir a tia d'Augusto das suas intenções, e obter o consentimento da mesma. Quanto ao rapaz, abraçava ambos, offerecendo ao seu bemfeitor ser-lhe submisso e addicto como a um pae; e á boa velha, fazer depressa fortuna para auxiliar-a nos ultimos dias da sua vida; mas como não era provavel que a fortuna de seu sobrinho chegasse a tempo, por muito que elle se apressasse em adquiril-a, Eduardo adiantou, assignando-lhe uma mesada, a generosa promessa do seu protegido.

Augusto estabeleceu-se desde então em casa de Eduardo, que, longe de arrepender-se do que fizera, tinha todos os dias novos motivos para applaudir a sua eleição. O nosso joven constructor de pontes d'areia chegou a ser em pouco tempo um dos melhores discipulos do celebre architecto, e justificou a predilecção de seu mestre, não só pelo rapido desinvolvimento de suas facultades, mas tambem manifestando para com elle os mesmos sentimentos de affecto que um pae teria podido desejar no coração de seu filho.

Passaram dez annos, durante os quaes não desmentiu Augusto um só instante as esperanças que fizera conceber: ajudava Eduardo em todos os seus trabalhos, e suppria-o muitas vezes nos de maior importancia; inspirava a mesma confiança que seu mestre, e ainda em certas occasões era preferido a elle, porque revelava, graças á sua mocidade, uma actividade e arrojo de concepção, que a eda-



Cronstadt



Modon na Grecia.

de começava a apagar em Eduardo. A affabilidade e franqueza do seu caracter, a sua alegria, a sua gratidão e modestia, não contribuíam menos que o seu talento para grangear-lhe amigos e protectores: podia, na idade de vinte e dois annos, lançar-se sem temor na sua carreira: tudo fazia crer que esta teria sido para elle rapida e brilhante; mas unido a Eduardo pelos laços de illimitado agradecimento, fundava a sua felicidade em que redundasse em gloria para seu mestre o talento que devia aos seus beneficios, e não lhe occorreu o pensamento de que devia explorá-lo em proveito da propria reputação.

Continua.

Arzeb.

FABULA INDIANA.

Continuação.

Não tardou muito que Arzeb entrasse em si, e viesse ao conhecimento da miseravel e desesperadora realidade, achando-se á sombra do boi Nandy, em frente do templo de Elora.

Pelos seus calculos astronomicos deveria elle ter dormido as suas oito horas, e se não fóra uma desastrada serpente, que lhe mordeu o calcanhar, teria o ancão prolongado ainda por alguns annos a sua phantastica felicidade das ilhas Maldivas.

Doze horas tenho ainda a viver, disse comsigo Arzeb, acompanhando a phrase com um estirado suspiro; doze horas! Pois juro por Pudha-Cura que me acho soffrivelmente embaraçado sobre o destino que heide dar ao resto da minha existencia. Tenho ante mim doze seculos, melhor direi! Se eu não fóra um bom e fervente seguez de Siva, teria já tomado a resolução de me precipitar do alto d'este rochedo, para me alliviar do incommodativo fardo d'estas doze horas, que me esmagam debaixo do seu peso. Ao menos, proseguiu Arzeb, se me fosse possivel tornar a adormecer... dormir até o fim de meus dias, ainda teria a doce consolação de tornar a ver o meu famoso reino perdido, o meu harem de rainhas, e a cór fresca e rosada da minha juventude, nas espelhanças agudas do golpho... Mas... ai! quando a necessidade natural do somno tornar a vir, para outra vez me cerrar as palpebras, já estarei morto. Neste instante supremo é que eu comprehendo bem o mysterio da vida! Apenas temos prazeres de momento, que podem ser contestados, ao mesmo tempo que temos pezares e dores incontestaveis. O melhor tempo da existencia é indubitavelmente o que se passa nos braços do somno. Se o deus Azul e o celeste Indra me concedessem terceira vida, á fé que não a acceitaria, senão com a condição de poder dormir sempre!

Acabava Arzeb de concluir o seu monologo, pondo todo o cuidado em pronunciar com uma clareza e lentidão affectadas, syllaba por syllaba, para assim devorar alguns minutos d'aquellas eternas doze horas da sua segunda existencia, quando viu passar o bonzo do grande pagode de Nagpur, o qual se apeou de um magestoso elephante, para ajoelhar diante do templo de Des-Avantara, ou das dez incarnações.

Chamava-se o bonzo de Nagpur, Dhéaly, e havia deixado a rica capital do Bherár, acompanhado do seu sequito de jemidares de ambos os sexos, para visitar a peninsula de Bengala, e vencer os mais afamados jogadores de xadrez do Indostão.

Prostrou-se Arzeb diante do bonzo Dhealy, dizendo-lhe: — Raio da setima cabeça de Siva, tu que assistes aos conselhos de Indra, e que, com uma palavra desarmaste a colera da serpente Ananta, a serpente eterna, ensina-me o segredo de passar doze horas, sem ser devorado pelo aborrecimento.

— Vens mendigar-me uma distracção? respondeu-lhe o bonzo.

— De joelhos t'a imploro, estrella de Nagpur, balbuciu Arzeb.

— Shegmadid, o glorioso architecto dos templos de Elora, que foi elevado á altura de divindade, e percorre o azul firmamento no carro de Suriab, aconselhou sempre aos bonzos o socorrer os des-

graçados: vou dar-te dez horas de deleite, digno de ser invejado pela casta Siva: faço-te a mercê de consentir que jogues cinco partidas de xadrez comigo.

Abriu Arzeb seus grandes olhos, á maneira de quem arreceia mais do remedio que do mal, gaguejando umas palavras inintelligiveis, que o bonzo interpretou por um profundo agradecimento, o qual para se revelar raras vezes acha expressões.

Era Arzeb, talvez, o unico indio d'este seculo illustrado que não conhecia o xadrez: tambem havia elle esquecido durante o seu sonho das Maldivas, que a deusa Sursutéa, concedendo-lhe um dia de vida supplementar, havia-lhe implicitamente dado uma sciencia universal, que, a seu bel-prazer, a tudo podia applicar. Foi só diante do taboleiro do xadrez que o ancão sentiu nascer em si a intelligencia de um optimo jogador, e a espontanea revelação das altas combinações.

Terminadas as confusas phrases de Arzeb, logo um jemidar saccou um magnifico taboleiro de um estojo de laca, que pendia suspenso ao pescoço do elephante, como uma honrosa decoração.

Era este taboleiro uma peça acabada, e quasi uma maravilha; conta-se que sete annos gastara o mais afamado artefice de Penjab na feitura d'esta obra prima de marfim, de madre perola, de perolas e ébano. O rei branco era a imagem viva do monarcha que então reinava em Lahore, por nome Goala-Sing; e o leão pastor, uma emblematica designação, que punha em relevo a coragem e a bondade personificadas em um só homem. O rei negro dava a conhecer a todos os filhos do celeste imperio, seu venerado imperador, o magnanimo Fo-Hi, o monarcha agricultor, que inventou dois arbustos e tres flores, por um processo de copula e enxerto. Os dezesseis pedes de ébano e marfim, eram trabalhados com exquisito gosto; em cada um d'elles saíam dois pequenos olhos, como se foram dois carbunculos; e todos, antepondo uma a outra perna, á maneira de frecheiros, ajustavam uma flecha de madre-perola sobre um arco de filagrana de oiro.

O bonzo Dhealy havia ganhado este jogo de xadrez em um desalio com o joven filho do grande Kosru; e ufanava-se tanto de o possuir, como o templo de Nagpur parece ufanar-se com a sua porta de bronze, portento do escultor El-Manussi.

Continúa.

H. VAN-DEITERS.

Cronstadt.

A palavra Cronstadt (Kronstadt) significa cidade da corça.

Cronstadt é a grande estação naval das armadas russas, no Baltico; é tambem o porto de S. Petersburgo, ainda que a distancia entre ambas as cidades seja de dez leguas pouco mais ou menos. O leito do Newa, que atravessa S. Petersburgo, é muito estreito para poder receber navios de grande tonelagem; fazem-se as descargas em Cronstadt, e são depois transportadas em barcaças para a capital.

Cronstadt está edificada na extremidade d'uma ilha que tem duas ou tres leguas de comprimento e menos de meia de largura; a entrada do porto é defendida por uma fortaleza construida sobre uma rocha que as aguas cobrem quando a maré enche. Vastas docas perfectamente dispostas, immensos armazens, ricos estabelecimentos de commercio, um arsenal que emprega consideravel numero de operarios, bellos molhes, canaes destinados, uns aos navios mercantes, outros aos de guerra, finalmente, todas as construcções necessarias a uma cidade maritima de primeira ordem, dão ao viajante que chega ao porto a maior idea de Cronstadt. Fica-se maravilhado pensando na rapidez com que se tem effectuado estes progressos de civilização. Cronstadt foi fundada por Pedro o Grande. Em 1703, um navio hollandez foi a primeira embarcação de commercio que appareceu no Newa: Pedro acolheu o capitão e a tripulação com desvelo e benevolencia. Em 1714, chegaram a Cronstadt dezesseis navios: actualmente entram n'este porto todos os annos de mil e trezentos a mil e quinhentos. A navegação está aberta desde o meado de

Maio até o fim de Dezembro. A cidade é, em geral, bem calçada; algumas ruas são muito bellas. Sendo os monumentos publicos quasi exclusivamente construidos de pedra, a maior parte das casas é de madeira. Os edificios publicos mais notaveis são: o almirantado, o hospital naval, a escola de pilotagem, a bolsa, a alfandega, e os quartes.

Não se poderá fazer justa idea da animação e actividade que reinam em Cronstadt durante o estio: a população augmenta com cada navio que chega, e vêem-se ali representados todos os costumes, todos os idiomas, e todos os usos do mundo. Nos mezes de Julho e Agosto contam-se ordinariamente na cidade mais de quarenta mil almas; mas á proporção que o inverno se aproxima, tudo muda: os navios afastam-se apressados por causa de não serem surpreendidos pelos gelos, a população diminua, a actividade cessa, e as ruas tornam-se desertas. Cronstadt não tem então nem graça, nem movimento; por seis mezes é votada ao silencio, e ao descanso.

O desconhecido.

Conto mysterioso.

Continuação.

II

O PROCURADOR ACHA OUTRO MAIS ESPERTO.

Changeons maintenant notre theme.
MARINO PALIERO.

Tudo estava declarado. O desconhecido tinha evidentemente transgredido as leis, porém como um valente: podia ser um assassino, mas era pelo menos um duellista. Isto triplicou o interesse que elle havia inspirado a Laura. Nada augmenta e nada consolida mais a affeição de uma mulher, que a idea de que o seu escolhido perpetrou algum enorme crime. Do seu lado o pae imaginava que podia, em todos os casos, tirar um bom resultado d'este negocio. Resolveu informar-se mais a fundo sobre a fortuna do seu novo conhecido. Se elle fosse rico, dar-lhe-hia sua filha; de contrario, ganharia, denunciando-o, o premio que teem aquelles que descobrem um criminoso. Um procurador parece-se muito com um arco tortuoso provido de duas cordas. O nosso homem, tendo pois formado o seu projecto, procurou o desconhecido e encontrou-o no bosque examinando uma arvore.

— E' boa, muito boa, dizia elle; pode-se comprar.

— Pelo que vejo entendeis d'isto?

— Hum! .. assim, assim...

— Tendes muitos bosques nos vossos dominios?

— Se tenho, respondeu vivamente o desconhecido.

— E sem duvida da madeira de melhor qualidade?

— Da que hoje se emprega ordinariamente para a construcção dos cadafalsos.

— Oh! é a melhor! Aqui o homem da justiça fez uma pausa, e depois retomou o seu ar maligno. Já não podeis occultar mais; a vossa jerarchia deixa-se conhecer.

— Justo ceo!

— Sim, minha filha ouviu-vos elogiar as distincções hereditarias, possuidas pela vossa familia ha mais de quatrocentos annos.

— Ouviu?

— E o dominio util e a parte pecuniaria não está separada.... quero dizer: não está atrapalhada?

— Nada; o governo tem cuidado da nossa existencia.

— Olé, uma pensão! Hereditaria tambem?

— Não ha duvida.

— Ah! sim; é a maneira ordinaria porque as grandes familias vivem á custa do povo, murmurou por entre dentes o procurador.

— Que demonio estará elle resmungando? disse o desconhecido, absorto completamente.

— Essa pensão é tirada dos nossos impostos, continuou o procurador.

— O que é tirada? Que quereis dizer, senhor? exclamou o desconhecido.

— E se não é essa a melhor maneira de viver, quero que me enforquem! disse o procurador concluindo o seu aparte.

— Vós!... titubeou o desconhecido; horrível suposição!

!!!

SENTIMENTOS ESCLARECIDOS PELO PROGRESSO DA RAZÃO.

La joie n'était pas toujours absente de son visage, elle y reparaisait en de tels instans avec une grace tranquille.

CHILD HAROLD.

— Consentis realmente em me esposardes, meiga Laura? disse o desconhecido ajoelhado sobre o seu lenço d'algibeira.

Laura com as faces coradas de um puro rubor, respondeu ternamente:

— Sois tão... tão seductor!... e amar-me-heis sempre? e... e... dir-me-heis quem sois?

— Depois do nosso casamento, sim; agora não! disse o desconhecido um pouco turbado.

— Agora, agora, dizei-m'o já! redarguiu Laura com affavel tom.

Elle ficou silencioso.

— Vamos! E' preciso que m'o declareis; sois algum morgado?

— Sim, sou, respondeu o desconhecido suspirando.

— Tendes na vossa casa algum titulo, ou algum cargo hereditario?

— E' facto!

— E esse titulo pertence-vos?

— Sem duvida.

— E tendes os... os meios necessarios para sustentar a vossa jerarchia?

— Tenho.

— Prove-o, disse o procurador que os tinha escutado, e minha filha vos pertencera ainda mesmo que tivesses morto o vosso adversario cem vezes mais!

— Admiravel philosophia! generosos sentimentos dignos de um seculo illustrado! exclamou o desconhecido precipitando-se aos pés do procurador.

Continua.

Um tremor de terra no interior d'uma mina.

Não desagradará aos nossos leitores a narração que faz uma pessoa que se achava, a 26 de Novembro de 1852, em uma mina de cobre em exploração no momento em que se sentiu, na ilha de Cuba, o terrível tremor de terra que destruiu parte da cidade Santiago. Eram as minas de S. José, proximas da *Villa del Cobre*, que tem mais de duzentas cincoenta e duas varas de profundidade.

*Achava-me na galeria numero cento trinta e dois do poço S. João, dirigindo os trabalhos de um partido, composto de vinte e quatro homens. Preparavamos as brocas, quando ouvimos um ruído tão extraordinario como formidavel, e que nos fez temer o desabamento da galeria; sentimos no mesmo instante que a terra se levantava e abaixava ao mesmo tempo, lançando-nos repetidas vezes de uma parede da galeria á parede opposta. Olhávamos a morte como inevitavel, mas parecemos prudente assentarmo-nos para não morrer immediatamente. As lanternas tinham caído dos lugares onde estavam penduradas, e reinava a mais profunda escuridão. As escoras estalavam com um ruído semelhante ao de uma fornalha alimentada por lenha verde; a infiltração das aguas tinha augmentado de modo prodigioso: parecia-nos que estando na mina estavamos por baixo de uma arvore de folhagem espessa que, estando carregada de orvalho, tivesse sido sacudida vigorosamente pelo furacão ou antes pela mão de Deus. Sentimos ao mesmo tempo cheiro d' enxofre, e ouvia-se o estrondo das pedras caindo com fragor das cavas superiores nas inferiores. Como já disse, estavamos na mais completa escuridão; apenas ficara accesa uma lanterna muito distante, que só servia para melhor nos fazer comprehender o horror da nos-

sa situação. Estavamos reunidos, e não ousavamos fallar. Com effeito, achavamos-nos litteralmente entre a vida e a morte. O ruído durou mais de quatro minutos, ainda que os abalos tivessem já cessado. Decidimo-nos a sair, com alguma hesitação; e quando já tinhamos posto o pé nas escadas, sentiu-se novo repellão que nos teria infallivelmente derribado se não esperassemos alguma coisa similhante. Depois de mil angustias, tivemos a felicidade de chegar á bocca da mina. Não é facil de exprimir a alegria que então sentimos. Nossos corações oppressos dilataram-se; experimentámos as sensações que deve sentir um condemnado que recebe o perdão ao pé do cada falso. »

O amor e o dever

COMEDIA-DRAMA ORIGINAL EM TRES ACTOS

POR FRANCISCO SEBRA.

Continuação

SCENA VI.

ADELAIDE (*só, entrando triste e lentamente*) — Cada palavra sem intenção me parece um ultraje meditado. Tenho receio de tudo, e penso que todos me conhecem. (*senta-se com desalento no banco*) Se eu pudesse riscar inteiramente da memoria o passado que tenho sempre presente... não posso, e é tremendo o meu castigo! Quanto mais penso em amal-o, maior se torna a barreira que me separa d'elle! (*reparando no ramo de Margarida e erguendo-se*) Flores aqui!... E' o ramalhete que deram á minha boa Margarida. Esqueceu-lhe... vou levar-l'h'o. (*tomando o ramo e contemplando-o*) Pobres flores! hoje vicosas... murcias amanhã! Quizera não viver mais do que estas flores! (*cheirando o ramo*) Embriga-me este perfume, traz-me á idea pensamentos que devo repellir... seduzem-me estas cores vivas e animadas!... Foram-lhe dadas por elle... não tenho forças para me separar d'este pobre ramo... E' uma loucura isto... devo esquecer tudo... Ah! (*desmarcha o ramo com impeto, as flores espalham-se, e o bilhete cae tambem no chão*) Meu Deus! um papel aqui! (*abre e lê, agitando-se*) Não ha duvida, é dirigido a Margarida; assignado — Julio de Menezes. Amam-se! amam-se!... (*um instante de pausa*) E eu que o não sabia! Agora me recordo das palavras affectuosas que ainda ha pouco n'este mesmo logar lhe dirigia. Saberei calar-me, saberei ser amiga... guarde este segredo a gratidão que lhe devo.

(*No momento de se voltar, dá com João de Castro e Margarida, que saem do interior da casa. Quer dobrar o papel e mettel-o na algibeira, mas não o faz sem que seja vista.*)

SCENA VII.

A MESMA, MARGARIDA, E JOÃO DE CASTRO.

JOÃO DE CASTRO (*a sua mulher*) — Tão depressa cheguem da caça, manda servir o almoço. (*reparando*) Oh!... aqui temos a nossa victima! Vês?... estava lendo uma carta... queres saber como se experimentam estas santas? (*para Adelaide*) Tambem recebe correspondencias? Veiu por mão propria ou pelo correio, essa carta? Tem a bondade de me deixar ver se traz estampilha?

ADELAIDE — Perdão, mas esta carta...

MARGARIDA — Não deves ter segredos commosco, Adelaide.

ADELAIDE — Quizera fazel-o, mas... é impossivel!

JOÃO DE CASTRO (*rindo*) — Ah! ah! ah! impossivel! é de uma discrição a toda a prova... (*a sua mulher*) Não t'o dizia eu... (*rindo*) Ah! ah! ah! é divertido!

ADELAIDE (*á parte*) — E ri!... se elle soubesse...

MARGARIDA — Adelaide vai mostrar-me aquella carta; não quero que suspeites sequer da minha querida Adelaide. Vamos, dá-me esse papel.

ADELAIDE — Pode exigir de mim o mais dôlbroso

sacrificio, fai-o-hei sem hesitar; mas entregar-lhe este papel... isso nunca! Se fosse preciso expór a minha vida para defendel-o, não me demorava um instante. Tudo... tudo menos ceder a esse empenho.

MARGARIDA (*á parte*) — Anda n'isto algum mysterio! A sua perturbação na presença de Julio... Oh! que subito presentimento... se ella o amasse... (*a Adelaide*) Até agora pedi como amiga, mas como tua protectora exijo que me entregues essa carta.

JOÃO DE CASTRO (*sorrindo*) — Deixa-a... não vês como está corada?... E' o pudor da innocencia... não a allijas.

ADELAIDE (*á parte*) — Soffre, soffre... mas cala-te meu pobre coração!

MARGARIDA — Já disse, Adelaide, quero saber o mysterio d'esse papel... vamos.

ADELAIDE (*com humildade e respeito*) — Nunca, nunca, minha senhora.

JOÃO DE CASTRO — Não teimes, Margarida; Adelaide tem lá as suas razões... vês como está agitada? Aquillo é talvez uma creanceice... dotada de virtudes e de bons sentimentos como tu me tens dito que é... Deixa-a... (*á parte, a sua mulher*) Eu não me costume enganar; que tal! tens uma boa amiga... podes gabar-te d'isso!

MARGARIDA (*severa*) — Basta! pode guardar esse mysterio.

ADELAIDE — Não me retire a sua amizade, não me crimine por isto.

JOÃO DE CASTRO — Minha mulher pode lá criminalar uma menina virtuosa... esteja descansada, tem como eu as melhores intenções a seu respeito... (*a Margarida*) Vês? que te dizia eu?

SCENA VIII.

OS MESMOS, JULIO DE MENEZES, E CESAR D'ALMEIDA.

JULIO (*que entra com Cesar*) — Olha para ella... bem a podiamos procurar por este lado.

CESAR — Não lhe toques em nada que está ali o marido de D. Margarida, e elle é um homem capaz de ficar fazendo má idea de mim, se vem a saber o motivo porque eu fugi da rapariga.

JOÃO DE CASTRO — Olé! Julio e o seu amigo! Teem passeado muito?

CESAR — Temos corrido os cantos á quinta. Realmente, senhor João de Castro, esta propriedade é encantadora; passa aqui uma vida deliciosa.

JOÃO DE CASTRO — Ainda bem que é da minha opinião.

CESAR — E tanto sou, que fallando Julio em voltar a Lisboa, lhe chamei... ingrato! Muito mais, recebidos como havemos sido por v. s.^a

JOÃO DE CASTRO — Meu Julio, se pensares em sair d'aquí... sem minha licença... arriscas-te a descer do pedestal a que estás alçado no men conceito. Se me consta que tornas a ter essas ideas, passo definitivamente a ser amigo do teu amigo, que mal conheço, e tu passarás ao logar de simples conhecido. Fique, senhor Cesar; (*estendendo-lhe a mão*) mil votos de agradecimento por deajar demorar-se e fazer-nos companhia.

MARGARIDA — Pois o senhor Julio queria deixar-nos? E' falta que lhe não devemos perdoar. (*á parte*) Que projectos serão os d'elle!

ADELAIDE (*á parte*) — Terrível situação a minha! JOÃO DE CASTRO — Senhor Cesar, antes do almoço quero ganhar-lhe duas partidas ao bilhar; acceta o duello?

CESAR — Pois não, estou sempre prompto com taes armas a bater-me com v. s.^a Sei bem manejar o taco...

JOÃO DE CASTRO — Tambem eu; venha, quero dar-lhe uma lição.

MARGARIDA — Essa idea vem a proposito porque me deixam em liberdade para interrogar Adelaide.

JULIO (*á parte*) — Interrogal-a!...

CESAR (*a Julio*) — Aposto que lhe vai saccar do bucho a minha fuga!...

JOÃO DE CASTRO (*a sua mulher*) — Duvido que consigas resolvê-la... (*a Cesar*) Vamos, amigo Cesar.

JULIO — Pareceu-me sentir ao longe o latido dos cães de caça dos hospedes de hontem; vou esperal-os ao caminho. (*faz uma cortezia e sae*) JOÃO DE CASTRO (*a Cesar*) — Joga tão mal o nosso

Julio, que lhe dou dezeseis de partido, e se chega aos vinte já eu tenho ganho. Assim é a caça: apenas aponta, desfecha logo e nunca mata, em quanto que eu, não ha tiro que me falhe.

CESAR — Pois vou ganhar-lhe ao bilhar, e amanhã ao tiro.

JOÃO DE CASTRO — Isso é o que vamos ver. (saem tomando a entrada da propriedade).

SCENA IX.

ADELAIDE E MARGARIDA.

MARGARIDA — Eil-a! serei o seu juiz. Aproxime-se, Adelaide.

ADELAIDE (chegando-se) — Aqui estou, minha senhora.

MARGARIDA — Viu os modos de meu marido? percebeu-lhe as palavras?

ADELAIDE — Valha-me Deus, já lhe não mereço que me trate amigavelmente como d'antes? Ha tanta severidade n'esse ar, n'essas palavras!...

MARGARIDA — Algum tempo entendi dever-lhe chamar minha amiga... não formarei por em quanto má ideia a seu respeito... mas se d'aqui a um instante...

ADELAIDE (interrompendo-a) — Que mal lhe fiz eu? Abusaria porventura da sua bondade? Digam'o francamente, minha senhora. O meu unico desejo é viver ao lado da meiga companheira da minha infancia. Muitas vezes fujo de ir ás salas, hesito em me sentar ao pé da sua cadeira, tremo de ouvir a conversação das visitas que se reúnem, porque tenho receio... porque me vejo constrangida, porque me horrorisa a idéa de que n'um momento podem descobrir em mim aquella mulher perdida!... (suffoca-se em soluços).

MARGARIDA — Socegue; seria uma puerilidade tudo isso, se uma circumstancia importante não acabasse de ter logar. Meu marido desconfia de todos e descre de tudo... Viu perfeitamente, que turbada e receiosa, procurava esconder uma carta. É necessario que me dê esse papel, e que eu verifique o seu conteúdo.

ADELAIDE — Oh! nunca, minha senhora, nunca! MARGARIDA — Vejo agora que meu marido tinha razão... e aqui para nós, Adelaide, a mulher que entrou uma vez no caminho da perdição, não pode voltar á estrada da virtude.

ADELAIDE (á parte) — Faltava isto!... MARGARIDA — N'esse caso, essa carta encerra alguma coisa que a compromette, que talvez avilta a casa hospitaleira que não duvidou acolher... uma infeliz!

ADELAIDE (suffocada em pranto) — Não me crimine assim... juro-lhe que estou innocente.

MARGARIDA — Então porque me não entrega esse papel?

ADELAIDE — De tudo que fosse meu, nada lhe podia occultar; esta carta porém... (tirando-a) não é minha, e devo tornar inviolavel o seu conteúdo.

MARGARIDA (á parte) — E' demais! (alto) O que acabei de pedir-lhe, vae ser exigido. Quero, preciso que me dê esse escripto. De tanta deferencia não devera ter usado já para uma creatura da sua condição... Agora não são meios persuasivos, emprego a minha autoridade.

ADELAIDE (aos pés de Margarida erguendo as mãos) — Piedade, minha senhora... piedade! Não me tire este papel; farei tudo, renunciarei até a viver aqui... mas não me obrigue; ter de resistir-lhe, é matar-me.

MARGARIDA — Não se resiste a quem se deve tanto... é inutil implorar, serei inflexivel. (quer arrancar-lhe o papel).

ADELAIDE — Pelo amor de Deus! (procura precipitadamente metter o bilhete no seio, desviando as mãos de Margarida).

MARGARIDA (tendo-se apossado do papel) — Vou ver emfim...

ADELAIDE (erguendo-se, e indo cair desfallecida no banco) — Vae saber tudo!

MARGARIDA (que tem aberto, e passado a vista pelo bilhete, vem cair lentamente aos pés de Adelaide) — Oh! perdão! perdoe-me minha irmã!... E eu... eu sou muito culpada, não sou?...

ADELAIDE (levantando-a nos braços) — Vamos... socegue, minha senhora; este segredo nunca sairá

da minha alma agradecida. Quizera poupar-lhe esta dôr!

MARGARIDA — Salvaste-me da maior vergonha! Se encontrassem esse bilhete... Depois do que te fiz soffrer, poder-me-has perdoar?

ADELAIDE (apertando-a contra si) — O perdão, minha senhora, é só a Deus que se pede, e Deus é sempre indulgente com os corações que amam... e que soffrem!

MARGARIDA (beijando-a ternamente) — Consolame as tuas palavras.

ADELAIDE — A restituição da sua estima é o meu maior orgulho.

MARGARIDA — Como terei agora animo de encarar a sangue frio meu marido? Se elle suspeitasse...

ADELAIDE — Não hade suspeitar... O seu nobre coração dar-lhe-ha forças para vencer a lucta... creia!

MARGARIDA — Não me julgas culpada, não é assim? Não me despresas, não é verdade?

ADELAIDE — Aqui não ha culpa, e aonde não ha falta não pode haver o arrependimento nem o remorso!

MARGARIDA — Julio respeitou-me sempre, e eu confiava-me á sua honra.

ADELAIDE — Elle é bastante delicado; não sei porque, mas aquella physionomia inspira confiança.

MARGARIDA — E' um coração ardente, mas um leal caracter.

JORGE (que entra) — Meu amo pede a v. ex.ª a bondade de chegar á sala do bilhar.

MARGARIDA — Lá vou. (a Adelaide, beijando-a) Hade-me custar, mas heide esquecel-o! (sae). Continua.

• prisioneiro.

Oh, patria! Oh, patria! tão minha, tão qu'rida, Que tinhas soldados por ti a brigar... Em lucta sanguenta tu foste vencida, Não tens uma esp'rança, sequer, a brilhar...

Confiada no braço de tantos valentes, Erguias a fronte de nobre altivez, Sem crer que teus loiros de gloria, virentes, Pudesse da sorte murchar um revez.

Tu foste afrontada — e um brado de guerra Na bocca de todos, fervente, se ouviu: «As armas! As armas! que é nossa esta terra!...» E todo o soldado p'ra a lucta partiu.

Partimos... brigámos... sim, fomos soldados Luctando p'la gloria da terra natal: Empenho tão nobre nos peitos honrados Coragem desperta, valor sem igual...

Brigámos com alma — heroes destemidos Soubemos o sangue p'la patria verter; Mas brios tão fortes ficaram vencidos... Que nem sempre é dado aos heroes o vencer.

Oh, patria! tão minha! tão bella! tão qu'rida! Que tinhas soldados por ti a brigar! Em lucta sanguenta tu foste vencida, Não tens uma esp'rança, sequer, a brilhar.

Patria! Patria!... prisioneiro Só vivo p'ra te chorar... Pelejei como guerreiro Mas não te pude salvar... Perdoa, patria, ao soldado, Que combateu esforçado, Mas que não pôde vencer... Perdoa a quem desejava, Primeiro que ver-te escrava, Por ti na lucta morrer!

Dei meu sangue na batalha, Mas não cessei de brigar; Nuvens de fumo e metralha Afrontei sem descorar; Ouvi sibilar as balas, Que nossas guerreiras alas Vinham rojar pelo chão...

Ouvi, com estridor forte, Raivosa bradar a morte Na bronzea voz do canhão.

E não tremi — esforçado, O horror da lucta encarei... Por entre o fogo cruzado, Audaz soldado, avancei. Mal haja quem é covarde, E o sangue todo não lhe arde Vendo affrontada a nação! Maldito! Maldito seja, Quem no ardor de nobre p'leja Lhe desmaia o coração.

Não desmaiei — sempre forte, Oh, patria! luctei por ti... Mas contra mim tive a sorte... Heroe fui... mas não venci. Não — mas tenho por consolo O dizer: — por ti, meu solo, Briguei com alma e vigor! Na lucta fui clarotado, Mas o dever de soldado Cumpri com todo o valor.

Perdi... perdi, desgraçado, Da patria a formosa luz... O nobre peito ao soldado Nem uma esp'rança seduz! Perdi-te a ti, liberdade, Luz de pura clarotado, Vida do meu coração. Alma e alento d'um peito, Que se vê hoje sujeito Aos ferros da escravidão.

D'um peito sempre robusto, Que te soube, oh patria, amar; Que dera a vida sem custo Por te fazer triumphar. Fui vencido! Desgraçado! O que resta hoje ao soldado, Que teve que se render? Ao valoroso guerreiro... Ao mesquinho prisioneiro O que lhe resta? Morrer.

Só morrer. — Encara a morte Sem pallidez, sem pavor. Quem no campo se viu forte Afrontando-a com valor... Morreste, patria, e o soldado, Que tinha-te alma votado Não te quer sobreviver... Morre em ferros, prisioneiro, Quem na batalha, guerreiro, Só desejara morrer.

Morro — porém sem remorsos N'este ousado coração; Não foi por falta de esforços, Que não salvei a nação. — O vencer pertence á sorte; Pelejar com peito forte E' de soldado leal: Ninguém dirá, com verdade, Que a vida p'la liberdade Não dei á terra natal.

Dirão, muito embora, que o pobre soldado, Na lucta vencido, finou-se de dôr; Porém que não houve quem mais esforçado Cumprisse o dever de leal defensor.

Fui teu defensor, minha patria... desculpa A quem a victoria não soube ganhar... Perdoa-me, patria... que morro sem culpa Attesta-o a f'rida, que vês gotejar.

Goteja-me o sangue... de forças exausto, Desmaia, succumbe um leal coração... Que importa que eu morra, se em puro holocausto A vida, sem custo, vou dar á nação.

J. I. D'ARAUJO.